

para que se tenha um panorama nacional de ambas as interações. **Material e métodos:** Realizou-se estudo trasnversal descritivo durante o mês de julho de 2021, utilizando a base de dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), filtrando por sexo, faixa etária, região e interações por LH e LNH entre 2015 a 2020. **Resultados:** No período estudado, ocorreram 28.632 interações por LH. Por sexo, 13.041 (45%) feminino e 15.591 (55%) masculino. Por região, 13.409 (47%) no Sudeste (SE), 7.022 (24%) no Nordeste (NE), 4.887 (17%) no Sul (S), 2.028 (8%) no Centro-Oeste (CO) e 1.286 (4%) no Norte (N). Por faixa etária, de 0 a 19 anos ocorreram 8.309 (29%) interações, de 20 a 39 anos 12.328 (43%), de 40 a 59 anos 5.085 (18%), de 60 a 79 anos 2.686 (9%) e com 80 anos ou mais 224 (1%). Já, por LNH ocorreram 98.001 interações. Por sexo, 39.725 (41%) interações femininas e 58.276 (59%) masculinas. Por região, 46.945 (48%) na SE, 20.627 (21%) na NE, 20.388 (21%) na S, 6.561 (7%) na CE e 3.480 (3%) na N. Por faixa etária, de 0 a 19 anos ocorreram 16.393 (17%) interações, de 20 a 39 anos 20.183 (20%), de 40 a 59 anos 29.896 (30%), de 60 a 79 anos 28.109 (29%) e com 80 anos ou mais 3.420 (4%). **Discussão:** Comparando as interações por LH e LNH, esta última teve 71% (69.369) mais interações que a primeira devido ao diagnóstico tardio as interações do LNH têm maior prevalência. O sexo masculino teve discreta dominância nas interações, tanto de LH quanto LNH, corroborando com a epidemiologia da doença de se apresentar mais frequentemente em homens do que em mulheres. Quanto à faixa etária, o LH teve mais interações entre adultos jovens de 20 a 39 anos (43%), enquanto que LNH registrou entre 20 a 79 valores próximos de interação, o que também é justificado pela epidemiologia de ambas as doenças. Por região, tem-se a SE predominando nas interações, entende-se devido à densidade populacional alta encontrada nesta região brasileira. **Conclusão:** Registrou-se interações por LH e LNH em todas as regiões brasileiras e em todas as faixas etárias, predominando o LH de 20 a 39 anos e o LNH entre 29 a 59 anos. O sexo masculino internou mais que o feminino. Quanto à região, a SE ocupou o primeiro lugar, seguida pelo NE, S, CO e, por último, N.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2021.10.818>

COMPREENSÃO FRENTE À DOAÇÃO DE SANGUE ENTRE OS ALUNOS DO PRIMEIRO PERÍODO DE MEDICINA DA UFRJ E SUAS PARTICIPAÇÕES NA GINCANA SOLIDÁRIA PARA DOAÇÃO DE SANGUE

LG Figorelle, LLSP Domingues, JB Nascimento, TA Barros, CAPR Neto, JO Costa, VA Leitão, A Maiolino, M Garnica, MFD Gaudi

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

De acordo com dados do Ministério da Saúde de 2020, em torno de 1,6% da população brasileira é doadora de sangue, abaixo do índice recomendado pela OMS. A conquista de

novos doadores frequentes é fundamental para a manutenção dos estoques de sangue nos hemocentros, principalmente no contexto atual pandêmico. Visando esclarecer a compreensão dos alunos ingressantes do curso de medicina da UFRJ frente à necessidade da doação de sangue, dois questionários foram elaborados pela Liga Acadêmica de Hematologia e Oncologia da UFRJ a partir da plataforma online Google Forms. Os questionários foram divulgados por redes sociais. O primeiro, composto por 18 questões e o segundo por 11, elucidaram os conhecimentos sobre o tema e a iniciativa para doação. Entre os questionários, os alunos foram expostos a uma aula teórica sobre a importância da doação de sangue, ministrada pelo Hematologista Tiago Barros pela plataforma Google Meets. Os alunos respondedores foram convidados a participar de gincana solidária, uma atividade de promoção de doação entre amigos e familiares dos alunos ingressantes. Para a validação na gincana, o doador posta uma foto na rede social Instagram, marcando a conta da Liga, recebendo pontos. Os 3 alunos com maiores pontuações ganham acessórios da faculdade, cedidos pelas entidades da Faculdade de Medicina. Entre os 54 alunos presentes, 44 responderam o primeiro questionário e 46 o segundo. Dos 44 respondedores do pré-questionário, 50% eram homens, 88,6%, da faixa etária de 18 a 21 anos e 77,3% nunca doaram sangue. Desses, 34,1% nunca pensaram ou se sentiram motivados a doar e 15,9% afirmam ter alguma contraindicação. 22,1% declararam ser 5 em 5 a probabilidade de doarem sangue nos próximos 30 dias. 52,3% afirmaram ser 5 em 5 sua aptidão para conversar com outras pessoas sobre doação de sangue, 13,6% acreditavam que com uma doação era possível salvar uma vida e 25% acreditavam ser possível salvar quatro vidas. 29,5% acertaram o tempo mínimo entre doações de sangue. 77,3% acertaram quais doenças eram testadas em bolsa de doação. 75% acertaram a alternativa que indicava o paciente não apto a doar sangue. 56,6% acertaram a principal causa de mal estar relacionado à doação. Dos 40 respondedores do pós-questionário, 34,7% afirmam ser 5 em 5 a probabilidade de doarem sangue nos próximos 30 dias e 59,2%, 5 em 5 a aptidão em conversar com outros sobre doação de sangue. 77,6% responderam que até 4 vidas podem ser salvas com uma doação. 89,8% acertaram o tempo mínimo entre doações, 93,9% quais doenças eram testadas em uma bolsa. 85,7% acertaram a alternativa que indicava o paciente não apto a doar, 79,6% para a principal causa de mal estar relacionada à doação. 98% consideram ser 5 em 5 a importância de uma campanha como essa na Faculdade. A pesquisa expôs a desinformação parcial entre os ingressantes do curso sobre o tema proposto, percebemos, entretanto, aumento expressivo dos acertos após a aula teórica, evidenciando o benefício da palestra. Ademais, notamos um crescimento no incentivo dos alunos na doação voluntária após o encontro, embora uma parte tenha se mantido indecisa. Portanto, fica claro a importância da elaboração de projetos que visam aumentar as doações entre estudantes de medicina, por meio da propagação de informação a respeito do ato entre os alunos.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2021.10.819>

